



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Instituto de Letras – IL

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa

**A SEGUNDA PESSOA EM BRASÍLIA: O TU E AS PERCEPÇÕES DOS
FALANTES**

Tiffany Silva Martins

Brasília

2023

Tiffany Silva Martins

**A SEGUNDA PESSOA EM BRASÍLIA: O TU E AS PERCEPÇÕES DOS
FALANTES**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras, pelo curso de Letras Português e Respectiva Literatura da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof^ª. Dr. Ulidete Rodrigues de Souza Rodrigues

Brasília
2023

Tiffany Silva Martins

**A SEGUNDA PESSOA EM BRASÍLIA: O TU E AS PERCEPÇÕES DOS
FALANTES**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras, pelo curso de Letras Português e Respectiva Literatura da Universidade de Brasília.

Brasília

2023

Dedico esse trabalho a minha mãe, Eliene, que infelizmente não está mais presente aqui, mas sempre apoiou o meu sonho. Minha irmã, Shara, que nunca largou a minha mão. Ao meu pai, Walber, que sempre fez tanto pela nossa família!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente Aquele que é digno de toda honra, glória e louvor, pela oportunidade concedida de me graduar.

Em especial a minha mãe que infelizmente não se faz mais presente para ver essa etapa se concretizar, mas sempre apoiou o meu sonho e meus estudos, e sei que se enche de orgulho vendo tudo lá de cima.

À minha irmã Shara que sempre me deu forças e se faz presente na minha vida.

Ao meu pai pelo incentivo.

À Suzane por seu companheirismo e alegria.

À Isabella que me incentivou e ajudou com o meu tema.

À Larissa que segura a minha mão desde a minha calourada.

À Lucas, Wagner e família por também serem a minha família.

À dona Reni que sempre dispôs seu carinho e incentivo aos meus estudos.

À Mariana por sempre me salvar nos dias difíceis.

À Maria Fernanda por ser um presente da UnB com todo seu amor e carinho.

À Victor, Fábio e Lucas, os trigêmeos que me abraçam e enchem o meu coração de amor.

À Maria Beatriz, Maressa e família que transbordam lealdade, orgulho e carinho.

À Marcos Antônio e Lorena pelas trocas de conhecimento e por tornarem a graduação melhor.

Ao Jadson que coordena o PIBID e ensina sobre a paixão pela sala de aula, compartilha seus ensinamentos e práticas docentes.

À Deborah e Isabel por mesmo de longe partilhar as vivências acadêmicas.

À Maria Eduarda e Maria Júlia por todo amor, carinho, sorrisos e crescimentos compartilhados.

À Letícia por sempre acreditar no meu potencial e por ser por milhares vezes meu ombro amigo.

À Carolina por me inspirar todos os dias como pessoa, profissional, mulher e amiga, obrigada por fazer parte dessa história.

À Jacqueline por tanto apoio, orientação e carinho, que foi tudo para a minha família quando achei que não tinha mais nada.

À Kályfe por sempre me incentivar, ajudar, dizer palavras de afirmação, ser suporte, por se dispor a fazer parte e por ser amor no meu caos.

À Uli por me orientar, por todo cuidado, apressado, história e exemplo, pelo seu admirável amor à pesquisa e pela sua inesgotável generosidade.

À todos os meus familiares e amigos não citados que fizeram parte de toda a minha trajetória e sabem disso, vocês foram a força que eu precisei nos dias que as minhas já haviam se esgotado, obrigada por tanto.

RESUMO

Este trabalho aborda a oscilação entre as expressões pronominais "tu" e "você" na variante brasiliense do português falado, investigando as características discursivas e gramaticais associadas à utilização dessas formas pronominais pelos falantes da região. Por meio de uma abordagem sociolinguística qualitativa na condução das análises, a pesquisa tem como objetivo mapear as variações desses pronomes de segunda pessoa no Distrito Federal, considerando tanto os aspectos linguísticos quanto os sociais que influenciam a produção dessas formas entre os falantes da região. Ao término deste estudo, será possível concluir que a alternância entre "tu" e "você" na linguagem brasiliense é influenciada pela localização geográfica, pelo sexo/gênero dos falantes e pela estrutura linguística empregada, revelando-se como mais ou menos acentuada e bem avaliada conforme esses fatores, e constituindo assim mais um exemplo de variação linguística em expansão na região central do Brasil.

Palavras-chave: Sociolinguística. Tu. Você. Brasília. Falantes.

ABSTRACT

This research is concerned with the oscillation between the pronoun expressions "tu" and "você" in the Brazilian variant of spoken Portuguese, investigating the discursive and grammatical characteristics associated with the use of these pronoun forms by speakers in the region. By using a qualitative sociolinguistic approach in conducting the analyses, the research aims to map the variations of these second person pronouns in the Federal District, considering both the linguistic and social aspects that influence the production of these forms among the region's speakers. At the end of this study, it will be possible to conclude that the alternation between "tu" and "você" in the language of Brasília is influenced by geographical location, the sex/gender of the speakers and the linguistic structure used, revealing itself as more or less accentuated and well evaluated according to these factors, and thus constituting yet another example of linguistic variation in expansion in the central region of Brazil.

Keywords: Sociolinguistics. Tu. Você. Brasília. Speakers-Speaking.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO: - A MAQUETE.....	10
1. HISTÓRIA E LITERATURA SOBRE O TEMA: PLANO PILOTO.....	13
1.1. A CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA E O SEU FALAR.....	13
1.2. OS ESTUDOS SOBRE O FALAR CANDANGO E O FALAR BRASILIENSE.....	19
2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS: NÚCLEO BANDEIRANTE.....	25
2.1. A SOCIOLINGUÍSTICA, SEUS PRESSUPOSTOS E SUA METODOLOGIA.....	25
2.2. Metodologia Aplicada à Pesquisa (ambiente, participantes, coleta).....	29
3. ANÁLISE: ESPLANADA.....	40
3.1. ANÁLISE DOS DADOS.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS: VILA PLANALTO.....	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	52

APRESENTAÇÃO: A MAQUETE



“Agora conheço sua geografia, a pele macia, cidade morena, teu sexo, teu lago, tua simetria, até qualquer dia, te amo Brasília.”

-Alceu Valença.

Graduanda de Língua Portuguesa e sua Respectiva Literatura – Licenciatura na Universidade de Brasília, me apresento: Tiffany, 23 anos, nascida e criada aqui na capital do Brasil, filha de Walber e Eliene, também nascidos e criados, mas de avô paterno cearense, avó paterna mineira e avós maternos paraibanos.

Inaugurada em 1960, Brasília, a nova capital do Brasil proposta por José Bonifácio de Andrade e Silva, para que ficasse longe de portos marítimos para melhor segurança e evitar ataques chegando pelo mar. Localizada no interior do Brasil e construída por Juscelino Kubitschek, atual presidente da república na época, que trouxe trabalhadores de várias áreas do Brasil, como: Nordeste, Goiás e Minas Gerais e ficaram conhecidos como Candangos.

Com a chegada de brasileiros de todo o país pela capital para a sua construção, Brasília passou no começo por um estágio de difusão dialetal e hoje se encontra em uma fase de focalização dialetal. A partir disso, o uso do pronome “tu” tem se mostrado muito comum entre os jovens do Distrito Federal para marcar relações solidárias, onde o seu uso é variável e concorre com o pronome “você”, que é menos usado pelos adolescentes.

O uso dessa variante para a segunda pessoa do singular é uma forma de tratamento entre os falantes, relacionada a uma estrutura social. A partir disso, busco recursos em pesquisas e estudos sobre as formas de tratamento e as formas variáveis de tratamentos entre os interlocutores, em situações diversas, como as de formalidade e de

informalidade, nos ambientes familiar, profissional, escolar, recreativos, religiosos entre outros.

Esses elementos levantam indagações sobre o impacto da classe social, gênero, idade, ambiente e contexto de comunicação na escolha entre as formas pronominais, bem como se alguma delas possui maior aceitação social e em que contextos são preferidas. Além disso, questiona-se se as diferentes gerações de moradores de Brasília influenciam as características pronominais do discurso típico da região, considerando as diversas variáveis dessa variante linguística e as particularidades de sua evolução, tanto no âmbito das variações e mudanças linguísticas em geral quanto em um contexto específico dessa área.

A seleção desse tópico ocorreu devido à observação das variações na alternância e posição dos pronomes pessoais retos de segunda pessoa do singular no discurso típico de Brasília, que se modificam conforme vários elementos presentes no contexto social e de comunicação.

Nesse estudo, pretendo observar e descrever o uso do pronome “TU”: e suas finalidades, onde pode ser usado, em quais situações e se foram originados a partir da linguagem trazida pelos brasileiros de outras regiões em sua chegada para a construção de Brasília. Para tanto, tenho como perguntas de pesquisa:

- Em que contexto o brasiliense usa o tu e que tipo de variação desperta o seu uso?
- O tu varia de acordo com o uso do interlocutor e o assunto tratado?
- Os falantes da faixa etária jovem percebem quando usam o tu e o você?
- Qual o sentimento que o falante tem da avaliação social relativa ao uso do tu?
- Há estranhamento ou acomodação entre falantes?
- A história do falante é relevante na realização do tu?

Nessa direção, pretendo investigar a familiaridade que caracteriza o falar candango a partir dos seus níveis de proximidade – próximo, muito próximo ou menos próximo. O objetivo geral a identificação da variante tu na variedade brasiliense e as

percepções/attitudes dos falantes/ ouvintes em relação a ele. Os objetivos específicos são:

1. Reunir bibliografias sociais no Brasil, no centro-oeste e Brasília.
2. Identificar as variáveis sociais do uso da variante tu em Brasília.
3. Aplicar teste de percepção sobre a interação com o tu.
4. Analisar os níveis de proximidade de acordo com as percepções dos falantes.
5. Identificar momentos em que mudam os níveis de proximidade.
6. Investigar se mudanças de níveis têm relação com o lugar ou situação.

Para alcançar esses objetivos, organizei o trabalho em cinco partes estruturais. Na seguinte ordem: A primeira parte é essa apresentação que, ora, desenvolvo para introduzir o tema que será objeto de análise neste estudo sociolinguístico qualitativo focado no uso variável do pronome tu. A segunda parte trata da Contextualização da História e da Literatura pertinentes à pesquisa, que tratará sobre a construção de Brasília e a sua linguagem falada, juntamente com os estudos dos falares candangos e brasilienses. A terceira parte fala sobre os Fundamentos teóricos e Metodológicos, momento no qual analisaremos a sociolinguística com seus pressupostos e metodologias. A quarta parte relata a Análise dos dados colhidos a partir da coleta da metodologia da presente pesquisa e que serão apresentados, discutidos e avaliados. E, por fim, as Considerações Finais, espaço no qual serão apreciados os fatores relacionados à produção dessa pesquisa e será apresentada avaliação conclusiva do trabalho aqui produzido.

1. HISTÓRIA E LITERATURA SOBRE O TEMA: PLANO PILOTO



“É Asa Norte, é Asa Sul, é avião, é Lago Norte, é Lago Sul, é construção.”

- Luiz Gonzaga.

Esta parte do trabalho traçará, no item 1.1., um breve histórico sobre a criação de Brasília e o seu falar a partir da chegada de brasileiros de todas as partes do país para a construção da capital. E contemplará, no item 1.2., estudos sobre aspectos da linguagem dos candangos e brasilienses.

1.1. A CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA E O SEU FALAR

Brasília, capital do Brasil, inicialmente, compreendia apenas o Plano Piloto. Ela é uma das Regiões Administrativas do Distrito Federal, sendo inaugurada em 21 de abril de 1960, mesma data da inauguração da nova capital do Brasil. Neste contexto, ela engloba os bairros Asa Norte, Asa Sul e, como se verá adiante, algumas áreas vizinhas. Essa região, que serve como centro administrativo do País e possui aproximadamente 216 mil residentes, é uma das áreas mais prósperas da capital brasileira. É importante ressaltar que o nome 'Brasília' não se refere ao Distrito Federal como um todo, mas sim a uma Região Administrativa específica. Abaixo, seguem os mapas, mostrados nas imagens 1 e 2:

1. Mapa do Distrito Federal com as Regiões Administrativas.



Fonte: <http://mapas-brasil.com/distrito-federal.htm>

2. Mapa de Brasília.



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/629307747923798041/>

Possuindo um contexto de origem altamente prestigioso, Brasília, como uma cidade planejada, nos primeiros anos de sua existência, abrigou principalmente funcionários do governo. Muitas das habitações planejadas originalmente eram apartamentos funcionais, que, especialmente a partir dos anos 70, passaram a ser ocupados pela população residente no Distrito Federal que estava disposta a pagar mais para estar mais próxima do grande Centro Administrativo. A proximidade dos edifícios públicos e os substanciais investimentos em planejamento urbano, abrangendo áreas como tráfego, segurança pública, eficiência dos edifícios e locais de entretenimento, tornaram o Plano Piloto uma região habitada predominantemente por pessoas com

maior poder aquisitivo. Isso é respaldado pelo alto Índice de Desenvolvimento Humano, um dos mais elevados do país, que ultrapassa 0,95 pontos. A combinação dos fatores que contribuíram para a formação e o contínuo investimento estatal na manutenção desta região como um "modelo" a tornam um nicho significativo para a compreensão dos fenômenos linguísticos que ocorrem no dialeto candango. Além dos fatores formativos, a região tem uma baixa taxa de migração de habitantes devido ao alto custo das moradias, e é comum encontrar famílias que permanecem na mesma área por várias gerações. Isso, juntamente com o alto poder aquisitivo e maior nível educacional dos habitantes, atua como um freio para as mudanças linguísticas.

Para fornecer um contexto mais abrangente sobre as Regiões Administrativas (RAs) escolhidas para este estudo, é relevante apresentar alguns dados sociodemográficos do Distrito Federal, organizando-os de acordo com as RAs.

Segundo a Secretaria de Planejamento, Coordenação e Parcerias do DF (SEPLAN, 2004), o Distrito Federal é dividido em 28 Regiões Administrativas, entre as quais está RA I, Brasília, que é a principal por sediar o Governo Federal e Distrital. A tabela 1 mostra os dados relativos à população total e à naturalidade da população de cada região administrativa.

Tabela 1: Regiões Administrativas do Distrito Federal e naturalidade dos habitantes.

DF E Regiões Administrativas		População	Naturalidade Dos Habitantes (% Do Total)				
			RA	DF ¹	Nordeste	Centro-Oeste ²	Sudeste
Distrito Federal		2.096.534	15,5	32,5	26,6	6,5	13,7
I	Brasília	198.906	39,7	0,9	17,9	7,8	24,3
II	Gama	112.019	36,0	18,6	25,5	5,0	10,9
III	Taguatinga	223.452	22,3	26,2	21,2	8,9	16,4
IV	Brazlândia	48.958	38,6	15,5	23,8	7,1	9,8
V	Sobradinho	61.290	23,3	27,1	21,9	6,7	15,7
VI	Planaltina	141.097	25,8	26,9	25,2	7,2	9,5
VII	Paranoá	39.630	4,1	44,8	29,7	5,8	13,3
VIII	Núcleo Bandeirante	22.688	3,0	37,3	31,6	6,7	15,5
IX	Ceilândia	332.455	22,1	28,9	32,1	5,1	8,8
X	Guará	112.989	0,9	44,1	23,7	7,6	18,7

XI	Cruzeiro	40.934	3,6	41,4	23,4	7,6	15,7
XII	Samambaia	147.907	1,6	49,0	30,7	5,9	9,8
XIII	Santa Maria	89.721	0,1	53,0	32,0	4,0	7,0
XIV	São Sebastião	69.469	1,7	36,9	33,2	5,3	16,8
XV	Recanto das Emas	102.271	0,0	50,8	34,1	5,5	6,0
XVI	Lago Sul	24.406	1,0	33,7	17,1	7,3	30,8
XVII	Riacho Fundo	26.093	2,7	46,9	26,9	7,7	10,8
XVIII	Lago Norte	23.000	1,2	38,8	17,4	5,9	26,3
XIX	Candangolândia	13.660	5,9	46,9	26,3	5,6	9,9
XX	Águas Claras	43.623	0,4	47,4	21,8	9,1	16,6
XXI	Riacho Fundo II	17.386	0,1	51,3	32,2	5,5	7,0
XXII	Sudoeste/ Octogonal	46.829	1,5	34,4	17,0	7,6	28,5
XXIII	Varjão	5.945	0,9	43,1	36,7	3,7	10,9
XXIV	Park Way	19.252	0,2	42,2	20,3	7,7	23,1
XXV	SCIA (Estrutural)	14.497	-	42,7	37,3	6,5	7,0
XXVI	Sobradinho II	71.805	0,8	50,3	25,4	7,6	11,6
XXVII	Itapoã	46.252	2,3	38,0	44,8	3,8	8,6
XXVIII	Jardim Botânico3	-	-	-	-	-	-

Fonte: Bortoni-Ricardo, Vellasco, Freitas (orgs) (2010, p. 100)

A tabela 1 mostra que cerca da metade da população das regiões administrativas é natural da própria região em que vive ou de outras regiões do DF. Além disso, percebe-se que a região brasileira que alcança mais representatividade no DF é a Nordeste, com um percentual que varia de 17 a 44 pontos. A segunda mais representativa é a região Sudeste, com um índice entre 7 e 30 pontos percentuais. As demais regiões brasileiras não representam parcela significativa da população. Por isso, admite-se que pouco influenciaram no modo da vida da sociedade local.

A diferença significativa no tamanho da população de ambas as regiões foi a razão por trás da escolha para análise neste estudo. Dado o contexto de formação e as características sociais tão distintas e variadas dessas regiões, observar as formas linguísticas utilizadas nelas pode enriquecer consideravelmente os estudos sobre o falar candango. Como já mencionado, essa variedade linguística é influenciada por uma série de fatores, incluindo aspectos econômicos, geracionais e interacionais, e a análise das

disparidades demográficas entre essas regiões pode fornecer insights valiosos para esses estudos.

A partir da identificação desses elementos no uso da língua, escolhe-se o fenômeno linguístico a ser investigado: o uso variável do pronome da segunda pessoa TU em alternância com a variante VOCÊ. O processo envolve a análise minuciosa, a coleta de dados, a comparação e a contextualização das diferentes formas de expressão linguística - as variantes - considerando seus aspectos semânticos, lexicais ou fonológicos. Essas formas podem ou não competir entre si, dependendo da análise realizada, que pode se concentrar em um ou mais desses aspectos.

O presente trabalho, trata da análise de uma variável binária, onde são observadas a expressão 'tu' que compete tanto em posição objetiva quanto subjetiva no contexto linguístico do português brasileiro. Essa competição depende de variáveis sociais ou extralinguísticas, como sexo, idade e escolaridade, que exercem influência sobre a produção da linguagem, conforme apontam estudos sociolinguísticos. Desde a sua introdução, esses estudos têm esclarecido essas relações e demonstrado que, por exemplo, grupos economicamente mais favorecidos e intelectualmente privilegiados podem usar formas não-padrão, menos prestigiadas, dependendo do contexto. Portanto, a pesquisa variacionista se dedica a analisar dados do uso da língua em situações de fala, quer sejam monitoradas ou não, com o objetivo de identificar as interações que ocorrem entre as diversas dimensões envolvidas no ato de falar.

As formas pronominais de segunda pessoa no português brasileiro sofreram diversas - e singulares - mudanças ao longo da história, como pode-se aferir a partir da leitura de Lopes (2008; p. 02):

A conjugação de investigações diacrônicas e sincrônicas, com base em amostras diversificadas, já nos dá alguma confiança para o estabelecimento de generalizações descritivas de sincronias pretéritas. Vosmecê, mecêa, vosse, você e a própria forma original Vossa Mercê aparentemente chegaram no Brasil sem a força cortês dos primeiros tempos – século XIII-XIV. A partir de meados do século XVIII, os usos tornam-se divergentes. A forma vulgar você torna-se produtiva nas relações assimétricas de superior para inferior, podendo assumir, em algumas situações sócio-pragmáticas, “conteúdo negativo intrínseco”, em oposição à sua contraparte

desenvolvida Vossa Mercê. No Brasil, a concorrência passa a ser maior entre tu e você em relações solidárias mais íntimas a partir do século XIX. Tais valores, entretanto, permanecem disponíveis, principalmente, no português europeu em que você não se generaliza como ocorre no Brasil.

Dessa forma, compreende-se que ao longo do tempo o pronome de segunda pessoa na Língua Portuguesa era consistentemente "tu", frequentemente empregado em contextos de interação. No entanto, a evolução da forma e a transformação da expressão ao longo dos anos resultaram na forma atual "você", ou na contração "cê", de acordo com critérios de conveniência social que impulsionam as mudanças linguísticas.

Além disso, no contexto das mudanças que conduziram à evolução da forma ao longo do tempo, nota-se que "a sequência não se encerra com a redução de 'vossa mercê' para 'você'. Ela continua e pode eventualmente resultar, em algum momento futuro, em 'cê', uma monossílaba, assim como a maioria dos pronomes pessoais" (SILVA, 2009). Apoiando-se nos estudos de Silva, conforme apresentado em "A Sociolinguística e a Língua Materna", é possível compreender o panorama dos processos que contribuíram para as características pronominais de segunda pessoa no português brasileiro, um aspecto que ainda será discutido neste capítulo.

Portanto, com base na natureza orgânica da língua, pode-se deduzir que a mudança desse pronome ainda não está totalmente concluída. Por meio dessa mesma característica linguística, é possível compreender os processos que resultaram na existência das formas analisadas neste estudo, que coexistem e competem entre si. Contudo, como mencionado anteriormente, ainda não há um consenso sobre o uso da forma "você" (ou da contração "cê", que, apesar de popular, ainda carrega estigmas) na gramática normativa, um tópico que será explorado na próxima seção.

Trataremos, nesse trabalho, de um padrão que tem se mostrado muito recorrente entre os jovens do Distrito Federal, que é o uso do pronome "TU" como marcador de relações solidárias. Esse uso, entretanto, é variável e concorre com o uso do pronome "você", que é menos frequente entre os jovens.

1.2. OS ESTUDOS SOBRE O FALAR CANDANGO E O FALAR BRASILIENSE

No Distrito Federal, surgiu um novo modo de falar que representou um Brasil em transformação. Em termos fonológicos, a fusão de diversas influências linguísticas brasileiras resultou em uma pronúncia única que incorpora elementos variados. Por exemplo, no dialeto candango, o 's' chiado do Rio de Janeiro, o 't' linguodental de São Paulo, o ritmo de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul foram substituídos, dando destaque aos traços fonológicos presentes nos falares de Goiás e Minas Gerais, que compartilham semelhanças fonéticas.

Sobre esse ponto a pesquisadora Mariany Ferreira (2021) diz que existe uma similaridade entre o falar goiano e mineiro. E continua dizendo que essa característica se deve ao envolvimento desses povos em um processo de migração quando as minas exploradas, principal fonte de renda do estado de Minas Gerais fica escassa de recursos. A procura de minérios e oportunidades de vida, os mineiros se instalam em Goiás. Portanto, o goiano e o mineiro não são somente vizinhos, são família, uma mesclagem de cultura, linguagem e povos.

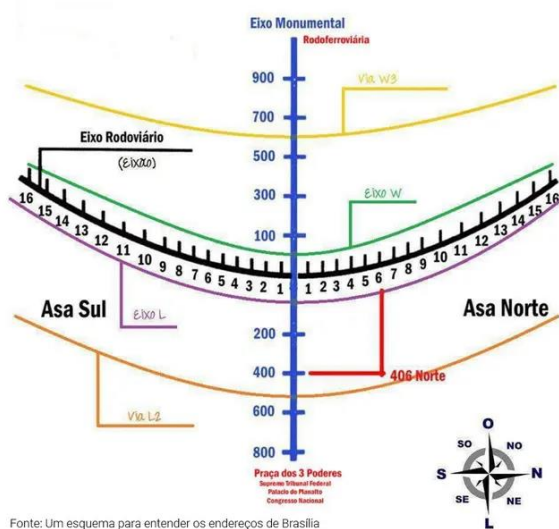
Entre as frases mais frequentemente compartilhadas entre essas duas comunidades, destaca-se "uai". Acredita-se que essa expressão, usada como uma forma de questionamento, tenha se originado da interação entre os imigrantes ingleses que se estabeleceram na região atualmente ocupada pelos estados de Minas Gerais e Goiás é apontada como a origem da expressão "uai". Nessa região, a palavra inglesa "Why", com uma sonoridade semelhante a "u/a/i", é traduzida como "porque". A suposição é que os nativos, ao observarem a linguagem inglesa, notaram que a expressão "Why" era utilizada ao questionar alguém, sugerindo que isso poderia ter sido um dos primeiros indícios da influência estrangeira no vocabulário da língua portuguesa nesse contexto específico.

A pesquisa de Corrêa (1998) destacou que, enquanto é evidente o processo de focalização dialetal no Distrito Federal, com suas nuances sociais, não podemos afirmar que esse processo se desenrola de maneira idêntica tanto em Brasília quanto nas demais cidades que fazem parte do Distrito Federal. Segundo Azeredo (2008, p. 400-402):

A introdução, assimilação e circulação de um neologismo estão sujeitas, principalmente, a fatores históricos e socioculturais. Muitos neologismos duram apenas uma temporada, enquanto outros se enraízam na língua. Uma vez posta em circulação (...), a forma neológica pode ser notada como tal por muitos usuários e não o ser por outros, e à medida que o seu emprego se repete e se expande, é possível que a consciência de neologia se torne cada vez menos clara.

O dialeto candango prolifera no Distrito Federal, onde as vias urbanas são referidas como 'conjuntos' e 'entrequadras', enquanto as avenidas são chamadas de 'vias' ou 'eixos', e até mesmo uma rodovia é conhecida como 'estrada-parque'.

Imagem 3: Esquema para entender entrequadras, eixos e vias em Brasília.



Fonte: Um esquema para entender os endereços de Brasília

Fonte: <https://www.silveiraimoveis.com/como-funcionam-os-enderecos-de-brasilia>

No que se refere ao léxico, assim como em outras regiões e países, as inovações linguísticas não provêm de acadêmicos, mas sim de jovens de diversas camadas sociais que criam expressões dentro de seus grupos de amizade. Essas palavras surgem e eventualmente se difundem até serem ouvidas em quase todos os lugares.

A evolução do vocabulário, por meio de inovações e expansões, assume características distintas que estão intrinsecamente ligadas à natureza da língua em consideração. Os neologismos introduzidos pelos jovens no dialeto candango, como os

de sentido semântico, lexical, sintático, literário, científico ou popular são efêmeros, surgem, desaparecem, ressurgem e eventualmente se integram ao léxico da língua. Embora o uso dessas novas palavras seja mais comum em contextos informais da linguagem, no Brasil, ao longo das últimas décadas, temos visto neologismos populares também sendo adotados em situações mais formais. A sociedade brasileira tem uma inclinação para maior aceitação de fenômenos criados pela juventude, e até mesmo as gerações mais maduras têm se adaptado ao uso de neologismos, muitos dos quais são amplamente divulgados pela mídia, principalmente na televisão. A linguagem dos jovens contribui substancialmente para a língua com um grande número de termos novos, muitos dos quais são altamente expressivos.

A aquisição da língua e de expressões populares ocorre através de sua exposição frequente. Assimilamos as estruturas linguísticas ao ouvi-las repetidamente, muitas vezes de maneira inconsciente. Na maioria das vezes, percebemos que utilizamos uma expressão específica somente após tê-la utilizado, e nosso conhecimento intuitivo nos guia para seu uso apropriado. Repetimos tanto as construções linguísticas quanto os ditados populares, as expressões idiomáticas, as palavras da moda ou as atualidades linguísticas, conforme a terminologia contemporânea.

No Distrito Federal, é possível observar diversas incorporações de neologismos populares de jovens provenientes de outras cidades do Brasil, assim como a presença de estrangeirismos difundidos em todo o país, devido à influência de uma linguagem cosmopolita ou globalizada, principalmente advinda do inglês por meio dos meios de comunicação eletrônica. Além disso, ocorrem criações linguísticas próprias, o que oferece uma interessante oportunidade para analisar o desenvolvimento de um processo de identidade sociocultural.

A pesquisa realizada por Andrade, Scherre, Dias, Lucca e Andrade (2011) aborda a questão da variação dos pronomes de segunda pessoa do singular na variedade linguística brasiliense, destacando a situação no Distrito Federal. O estudo também oferece uma breve visão geral da literatura existente sobre o português falado na região de Brasília, contextualizando as formas pronominais específicas examinadas neste trabalho dentro da comunidade de fala brasiliense. Além disso, esclarece que:

[...] nas amostras brasileiras colhidas em 2004-2005 (Lucca, 2005); 2006-2007 (Dias, 2007); e 2008-2009 (Andrade, 2010), observou-se que os pronomes tu, você, cê se alternam em enunciados de pequena extensão, embora já se saiba ser comum a ocorrência de blocos de um mesmo pronome, analisados pela variável paralelismo linguístico em diversas pesquisas. [...] No início da década de 2000, todavia, já era fácil perceber o pronome tu na fala brasileira, especialmente na de jovens do sexo masculino em conversas espontâneas entre si. (SCHERRE; DIAS; ANDRADE; LUCCA; ANDRADE, 2011, p. 3)

Lucas A. Mendes (2017), diz em sua pesquisa que é possível perceber no DF a presença de certos padrões de uso pronominais, os quais seguem, a certo nível, a lógica de desenvolvimento de uso de formas pronominais aferido por todo o país, a despeito da juventude da nova capital – e, talvez, influenciado pelo grande fluxo migratório ocorrido durante a “marcha para o Centro-Oeste” dos anos 60 e 70, como explica Loregian-Penkal, ainda, o mesmo estudo:

Deste breve panorama das quatro pesquisas envolvidas nos pronomes de segunda pessoa na fala brasileira, podemos identificar: (1) um jogo temporal, em um intervalo aproximado de uma geração (18 anos), de 1991 a 2009, registrando-se o processo de focalização do pronome tu, ocupando espaços do pronome você: embora não haja pesquisas com amostras de Sobradinho na década de 2000, há depoimentos de que o pronome tu é usado lá nos dias atuais; (2) um jogo etário e geracional, com o pronome tu predominando nos dados dos falantes e das falantes mais jovens; (3) um jogo geográfico, com o pronome tu predominando em áreas com maior concentração de migrantes da região Nordeste; (4) um jogo de gênero e de interação, com o tu predominando nas falas masculinas e em práticas discursivas entre pares solidários, na mesma linha do que se observa no Rio de Janeiro (Paredes Silva, 2003; Lopes et alii, 2009), mas diferente do que ocorre no Rio Grande do Sul, onde o tu sem concordância – forma espontânea e natural – é mais favorecido pelas mulheres (LOREGIAN-PENKAL, 2004: 135-137).

Assim, com base nessas investigações recentes sobre o português falado em Brasília, conclui-se como a autora Loregian-Penkal (1996):

[...] a fala brasiliense sintetiza grande parte do Brasil: adota variavelmente um tu supra regional sem concordância, que se espraia para domínios sociais e discursivos mais amplos, como traço local; retém os pronomes você e cê, em taxas variadas; mas não fixa o pronome ocê, também marcado, do Brasil central de Goiás e de Minas Gerais, com mais vigor em áreas rurais. O tu brasiliense – sem concordância – se revela como um traço de focalização dialetal, de identidade da fala brasiliense em formação.

Portanto, o estudante Lucas A. Mendes (2017), finaliza em sua pesquisa que os pronomes tratados, além de carregarem, em si, traço de mudança histórica no português, podem ser percebidos como processos naturais de evolução da língua falada no Distrito Federal, o que diz respeito às escolhas linguísticas dessa comunidade de fala, o que chama atenção para o subsídio identitário da língua falada no DF, bem como evidencia o reflexo histórico que têm essas escolhas no contexto social interacional da comunidade candanga.

Carolina Queiroz (2010), diz que, na pesquisa conduzida por Lucca (2005), o primeiro elemento a ser escolhido pelo programa foi identificado, e os resultados indicaram que a prevalência da variante "tu" foi de aproximadamente 0,55 para o gênero masculino, enquanto para o gênero feminino foi de cerca de 0,09. A discrepância entre esses valores ressaltou que o uso de "tu" é significativamente favorecido no gênero masculino, ao passo que no gênero feminino ele é menos comum (é importante destacar que aproximadamente 90% dos dados analisados por Lucca pertencem a falas masculinas). Minha pesquisa poderá contribuir, inclusive para verificar se esse dado continua do mesmo modo ou foi alterado.

De acordo com a pesquisadora, a introdução da forma "tu" na linguagem falada em Brasília estaria relacionada à presença significativa de imigrantes nordestinos que atualmente residem no Distrito Federal.

A escritora chega à conclusão de que a forma "tu" é mais comum em certos contextos de conversação, especificamente quando envolve "jovens do sexo masculino interagindo com amigos em discussões sobre assuntos do dia a dia" (cf. p. 113). Além disso, ela observa que essa variação principalmente se relaciona com fatores sociais.

A pesquisadora Carolina Queiroz examinou os elementos considerados na análise (conforme Dias, 2007, p. 64 a 94) e, por um lado, identificou apenas um fator de natureza linguística que foi selecionado: 1) tipo de fala (frames ou enquadres) – a) conversa casual, com o peso de 0,56; b) conversa profissional ou acadêmica, com o peso de 0,17; c) repreensões, com o peso de 0,34 e d) observações irônicas, deboches e brincadeiras, com o peso de 0,80. Por outro lado, os fatores extralinguísticos (ou sociais): 1) sexo; 2) faixa etária; 3) estilo do falante; 4) tipo de relacionamento com o interlocutor e 5) faixa etária do interlocutor.

No seguinte capítulo mostrarei a metodologia que foram utilizadas a partir dos resultados da pesquisa com estudantes sobre o uso e as percepções quanto ao emprego dos pronomes TU e VOCÊ.

2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS: NÚCLEO BANDEIRANTE



Esta parte da pesquisa falará, no item 2.1., um breve histórico sobre a sociolinguística e visões de linguistas sobre as estruturas das falas, formas de tratamento feitas pelos falantes. No item 2.2., será apresentada a forma de coleta sobre as percepções do uso dos pronomes “TU” e “VOCÊ” na linguagem dos brasilienses.

2.1. A SOCIOLINGUÍSTICA, SEUS PRESSUPOSTOS E SUA METODOLOGIA

Em meados de 1960, surge a sociolinguística nos Estados Unidos, onde diversos linguistas como William Labov, proponente da Teoria da Variação, encantados pelos liames entre língua e sociedade, e firmados nos estudos linguísticos do mesmo século, apresentaram uma linha teórica mais limitada a essa ligação tão conectada entre a estrutura linguística e estrutura social. Que uma e outra estrutura têm suas peculiaridades, é fato, contudo, com as hipóteses subjetivas das ciências humanas e observando a língua como um construto da sociedade, e sua formação e cifração como parte desse organismo social, evidente é a relação que se constitui entre ambos os pontos de vista uma classe de “construto indivisível” da vivência humana.

Quando indivíduos de status diferentes (idades, classes sociais, e cargos em uma empresa, entre outros) interagem em um contexto conversacional, é natural que fiquem mais tensos do que quando interagem com seus iguais. Esse comportamento é refletido em determinadas formas linguísticas, que podem ser usadas ou não, conforme o contexto e com base nos recursos que a língua oferece (TRUDGILL, 1995, P. 86).

Considerando que a seleção das formas de tratamento é largamente influenciada por fatores sociais, nosso objetivo é examinar a natureza da relação entre interlocutores, como explorado por Brown e Gilman (1960, pág. 253), que argumentam que os pronomes discursivos, usados para fazer referência às pessoas, estão estreitamente ligados a duas principais facetas da interação social: o poder e a afinidade.

Podemos afirmar que a afinidade é uma característica comum em relações simétricas, onde o falante pode escolher adotar uma postura solidária ou não em relação ao seu interlocutor, dependendo do contexto específico da interação. Exemplos de relações simétricas incluem aquelas que se desenvolvem entre pessoas do mesmo gênero, faixa etária ou classe social. Em contraste, quando os interlocutores estabelecem relações assimétricas em uma conversa, os papéis tendem a ser mais fixos, com um indivíduo exercendo poder sobre o outro, enquanto o segundo tende a ocupar uma posição subordinada. Isso é evidente em relações como as de empregador e empregado, professor e aluno, ou entre pais e filhos, por exemplo.

As categorias de poder, solidariedade, intimidade, polidez, distanciamento, respeito, entre outras, indicam o sentimento do falante em relação ao ouvinte e a consciência do falante sobre funcionamento da sociedade em que está inserido (WARDAUGH, 2003, P.275). Com os ideais do autor, essas divisões podem demonstrar as formas de tratamento a serem utilizadas, de acordo com a situação interacional em que os interlocutores estão envolvidos.

A ênfase dada à análise da interação decorre do reconhecimento de que, em uma conversa, além de considerar "quem" está falando e "o que" está sendo dito, é igualmente crucial observar "como" a comunicação se desenrola, uma vez que "as escolhas linguísticas específicas feitas pelo falante revelam a percepção do relacionamento social que o falante acredita existir entre ele e seu público." (WARDAUGH, 2003, P. 259, traduzido)

Portanto, é fundamental considerar a variação nos estilos de linguagem, uma vez que os falantes tendem a ajustar seu estilo de fala conforme a situação e seus interlocutores se modificam. Enquanto Labov argumenta que os estilos linguísticos variam com base no grau de atenção dedicado à comunicação, em um espectro que vai

desde a linguagem mais casual até a mais formal, Bell (1984; 2001) sugere que os falantes adaptam seus estilos de fala na tentativa de adequá-los à sua audiência, independentemente de estarem necessariamente prestando mais ou menos atenção à comunicação.

Meillet, discípulo de Saussure, adere a uma perspectiva diacrônica dos estudos linguísticos, mas para ele, a evolução das línguas está inextricavelmente ligada à evolução da cultura e da sociedade. Essa abordagem é claramente evidenciada em sua obra sobre a história do latim, intitulada "Esquisse d'une histoire de la langue latine". Em relação a esse renomado linguista francês, é importante destacar sua concepção do fenômeno linguístico, que fica bem exemplificada por meio de um trecho de sua aula inaugural no Collège de France, em 1906:

Ora, a linguagem é, eminentemente, um fato social. Tem-se, frequentemente, repetido que as línguas não existem fora dos sujeitos que as falam, e, em consequência disto, não há razões para lhes atribuir uma existência autônoma, um ser particular. Esta é uma constatação óbvia, mas sem força, como a maior parte das proposições evidentes. Pois, se a realidade de uma língua não é algo de substancial, isto não significa que não seja real. Esta realidade é, ao mesmo tempo, linguística e social.

Bakhtin (1929), com sua crítica radical à postura saussureana, traz para o centro da cena dos estudos linguísticos a noção de comunicação social.

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

A variedade linguística abrange uma ampla gama de movimentos e expressões linguísticas que se alteram de acordo com o contexto interacional, as características geográficas ou regionais, e até mesmo entre diferentes grupos ou comunidades que mantêm identificáveis características ou "jargões" (referidos como variações diafásicas, diatópicas e diastráticas, respectivamente). Ao se modificarem, as línguas naturalmente estabelecem variantes, que são as formas que competem pelo uso no vernáculo,

dependendo dos fatores de grupo, região ou contexto mencionados anteriormente. Além disso, existem as variáveis, que consistem nos conjuntos de variantes que caracterizam uma forma específica de fala ou língua e podem contribuir para um cenário de mudança linguística, conforme discutido no próximo tópico.

A mudança linguística é o resultado mensurável das transformações que uma língua experimenta ao longo do tempo ou mesmo em um determinado contexto presente. Isso envolve a análise das formas escolhidas pelos falantes, que, em épocas passadas, variaram, competindo com outras formas que se tornaram arcaicas, caíram em desuso ou são identificáveis apenas em alguns grupos linguísticos. As mudanças podem estar concluídas quando já se tornaram características intrínsecas do vernáculo ou da língua em si, ou em andamento quando o processo de mudança ainda está em curso. Conforme destacado por Scherre (2005, p. 52), "Segundo Labov (1972), a explicação do problema da transição em uma mudança linguística envolve a descoberta do caminho pelo qual um estágio da mudança evoluiu a partir de um estágio anterior". Além disso, Faraco (1991, p. 13) aborda o estudo histórico das línguas, percebendo-as como um fenômeno social:

O estudo científico da história das línguas tem mostrado que a implementação das inovações é feita primordialmente pelas gerações mais jovens e pelos grupos socioeconômicos ditos intermediários, classificação que costuma abranger, quando se trata de populações urbanas em sociedades industrializadas, a classe média baixa e o topo da classe operária.

Além disso, de acordo com a perspectiva de Faraco (1991; p. 20), ocorre o "processo de mudança da língua [...], a partir desse cenário linguístico diversificado, quando duas ou mais variedades passam a se confrontar de maneira dialética no complexo universo das interações sociais". Conforme as observações desse mesmo estudioso, ao tomar a Língua Portuguesa como exemplo, "apesar de manter muitas das características presentes nos séculos XIII ou XIV, ao longo desses seis ou sete séculos, ela passou por diversas mudanças, que vão desde a substituição lexical até alterações estilísticas, incluindo também modificações sintáticas, fonéticas e semânticas".

O fenômeno da mudança difere da variação, tornando assim, necessária atenção para o aspecto heterogêneo das diferentes comunidades de fala:

Não é qualquer diferença de fala entre gerações ou entre grupos socioeconômicos que pode estar indicando mudança. Muitas dessas diferenças são, apenas variantes características da fala de cada grupo e nada têm a ver, em princípio, com mudança. Daí se dizer em lingüística histórica que nem toda variação implica mudança, mas que toda mudança pressupõe variação, o que significa, em outros termos, que a língua é uma realidade heterogênea, multifacetada e que as mudanças emergem dessa heterogeneidade, embora de nem todo fato heterogêneo resulte necessariamente mudança. (FARACO, 1991).

2.2. METODOLOGIA APLICADA À PESQUISA (ambiente, participantes, coleta)

Para compor essa pesquisa, contatei alunos do Ensino Fundamental II, Ensino Médio e Graduação de várias Regiões Administrativas de Brasília, tais como: Gama, Santa Maria, Ceilândia, Asa Sul e Asa Norte.

Busquei focar na fala de estudantes de diferentes níveis de ensino, tais como Ensino Fundamental II (6º, 7º, 8º, 9º anos), Ensino Médio (1º, 2º e 3º) e Graduação, de unidades de ensino particular e público, focando nas diferentes percepções que eles têm, sabendo que este *corpus* deverá ser ampliado para que se faça uma análise mais abrangente e com uma distribuição mais equilibrada dos dados.

Fiz um formulário por via do programa da web Google Forms 2018, submeti os dados à Google Sheets 2006, que forneceu o suporte estático para que eu pudesse explicar, com base em resultados qualitativos, quais fatores linguísticos e sociais que mais influem na variação tu/você nessa amostra, que mantêm suas identidades preservadas, para que os estudantes pudessem responder as seguintes perguntas de acordo com suas percepções sobre o uso dos pronomes “TU” e “VOCÊ”:

- Você usa mais o pronome "TU" ou "VOCÊ"?
- Quais das situações abaixo você utiliza o pronome "TU"? (Em ambiente escolar/universitário, em ambiente familiar, em ambiente profissional, em ambientes recreativos/lazer ou em ambientes religiosos).

- Quais das situações abaixo você utiliza o pronome "VOCÊ"? (Em ambiente escolar/universitário, em ambiente familiar, em ambiente profissional, em ambientes recreativos/lazer ou em ambientes religiosos).
- Você acha que o uso do pronome "você" tem um contexto mais formal ou informal?
- Você acha que o uso do pronome "tu" tem um contexto mais formal ou informal?
- O que te motiva usar o pronome tu? A pessoa que está conversando? ou depende do assunto e contexto?
- Você percebe quando altera a utilização do pronome na fala? e também percebe a alteração dos outros com você?
- Quando você usa o pronome "TU" é bem aceito? e quando utiliza o "você"?
- O que você pensa quando vai usar o "tu"?
- Cite os tipos de assuntos que te fazem usar o pronome "TU".
- Cite os tipos de assunto que fazem usar o pronome "VOCÊ".

Como o formulário foi visualizado pelos estudantes da pesquisa:

Formulário

Meu nome é Tiffany, tenho 23 anos e sou estudante de Língua Portuguesa e Respeçtiva Literatura pela Universidade de Brasília. Estou trabalhando no meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sobre "A segunda pessoa em Brasília: O tu e as percepções dos falantes", criei um formulário on-line com algumas questões para coletar dados valiosos com o propósito de realizar uma análise visando a interpretação e percepção dos falantes de Brasília.

* Indica uma pergunta obrigatória

1. Faixa etária de idade: *

Marcar apenas uma oval.

- 11 a 14 anos
- 15 a 18 anos
- 19 a 25 anos (ou mais)

2. Gênero *

Marcar apenas uma oval.

- Feminino
- Masculino
- Outro
- Prefiro não dizer

3. Nível de Escolaridade *

Marcar apenas uma oval.

- Ensino fundamental II
- Ensino Médio
- Graduação

4. Ano escolar que está cursando:

Marcar apenas uma oval.

- 6º Ano do Ensino Fundamental
- 7º Ano do Ensino Fundamental
- 8º Ano do Ensino Fundamental
- 9º Ano do Ensino Fundamental
- 1º Ano do Ensino Médio
- 2º Ano do Ensino Médio
- 3º Ano do Ensino Médio

5. Curso e período

(caso esteja na graduação)

6. Naturalidade dos Pais *

Marcar apenas uma oval.

- Norte
- Nordeste
- Sul
- Sudeste
- Centro-Oeste

Análise

Não existem respostas certas, é apenas uma análise da sua percepção como falante.

7. **Você usa mais o pronome "TU" ou "VOCÊ"? ***

Marcar apenas uma oval.

- TU
 VOCÊ

8. **Quais das situações abaixo você utiliza o pronome "TU"? ***

Marque todas que se aplicam.

- Em ambiente escolar/universitário
 Em ambiente familiar
 Em ambiente profissional
 Em ambientes recreativos/lazer
 Em ambientes religiosos.

9. **Quais das situações abaixo você utiliza o pronome "VOCÊ"? ***

Marque todas que se aplicam.

- Em ambiente escolar/universitário
 Em ambiente familiar
 Em ambiente profissional
 Em ambientes recreativos/lazer
 Em ambientes religiosos.

10. **Você acha que o uso do pronome "TU" tem um contexto mais formal ou informal? ***

Marcar apenas uma oval.

- Formal
 Informal

11. **Você acha que o uso do pronome "você" tem um contexto mais formal ou informal?** *

Marcar apenas uma oval.

- Formal
- Informal

12. **O que te motiva usar o pronome tu? A pessoa que esta conversando? ou depende do assunto e contexto?** *

13. **Você percebe quando altera a utilização do pronome na fala? e também percebe a alteração dos outros com você?** *

14. **Quando você usa o pronome "TU" é bem aceito? e quando utiliza o "você"?** *

15. **O que você pensa quando vai usar o "tu"?** *

16. **Cite os tipos de assuntos que te fazem usar o pronome "TU".** *

17. **Cite os tipos de assunto que fazem usar o pronome "VOCÊ".** *

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

Ao final da coleta, cerca de 43,9% das respostas foram de alunos do Ensino Fundamental II, 6,1% de estudantes do Ensino médio e 50% de discentes da Graduação,

somando 98 respostas finais no formulário. Segue abaixo as tabela 2, 3 e 4 que ilustra as composições dos *corpus* utilizados na pesquisa:

Tabela 02: Constituição da coleta.

Ensino Fundamental II	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano
Respostas	24	0	0	19

Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 03: Constituição da coleta.

Ensino Médio	1º ano	2º ano	3º ano
Respostas	1	2	3

Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 04: Constituição da coleta.

Graduação	49
Pós-Graduação	1

Fonte: Elaborado pela autora.

Na tabela 05 está uma representação da faixa etária de idade dos estudantes que responderam à pesquisa:

Tabela 05: Constituição da coleta.

Idade	Respostas
19 a 25 anos	49
11 a 14 anos	35
15 a 18 anos	14

Fonte: Elaborado pela autora.

Na tabela 06 é possível ver a quantidade de respostas a partir do gênero dos estudantes que participaram da pesquisa.

Tabela 06: Constituição da coleta.

Gênero	Respostas
Feminino	61
Masculino	34
Prefere não informar	2
Outro	1

Fonte: Elaborado pela autora.

Na tabela 07 é possível ver o ensino cursado pelos estudantes da Graduação:

Tabela 07: Constituição da coleta.

Cursos	Respostas
Agronomia	1
Ciências Biológicas	1
Comunicação	1
Direito	4
Enfermagem	10
Engenharia Ambiental	1
Farmácia	6
Geografia	1
Gestão de Políticas Públicas	1
Gestão de Recursos Humanos	1
História	2
Língua Estrangeira Aplicada	1
Odontologia	3
Pedagogia	2
Pós-Graduação	1
Psicologia	2
Não Informou	6

Fonte: Elaborado pela autora.

A tabela 08 traz a representação da naturalidade dos pais dos estudantes pesquisados:

Tabela 08: Constituição da coleta

Naturalidade	Respostas
Centro-Oeste	79
Nordeste	10
Sudeste	4
Norte	3
Sul	2

Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 09 é possível ver qual pronome é mais utilizado pelos estudantes:

Tabela 09: Constituição da coleta.

Pronome	Respostas
TU	18
VOCÊ	80

Fonte: Elaborado pela autora.

Começamos a observar nas Tabelas 10 e 11 a quantidade de alunos que utilizam o pronome TU e VOCÊ em cada ambiente:

Tabela 10: Constituição da coleta.

Ambientes	Respostas
Escolar/Universitário	45
Familiar	48
Profissional	7
Recreativos/Lazer	58
Religioso	14

Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 11: Constituição da coleta.

Ambientes	Respostas
Escolar/Universitário	77
Familiar	69
Profissional	69
Recreativos/Lazer	51
Religioso	49

Fonte: Elaborado pela autora.

As Tabelas 12 e 13 mostram qual a percepção que os estudantes tem sobre a formalidade de cada pronome:

Tabela 12: Constituição da coleta.

TU	Respostas
Formal	76
Informal	22

Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 13: Constituição da coleta.

VOCÊ	Respostas
Formal	66
Informal	32

Fonte: Elaborado pela autora.

No capítulo seguinte farei a análise do uso e as percepções dos estudantes falantes quanto ao emprego dos pronomes TU e VOCÊ.

3. ANÁLISE: ESPLANADA



“O vento sopra o teu cabelo, é inverno... É internada, eu caminhar na Esplanada, o pôr do sol te iluminou.”

-Plano Piloto.

Nesta parte do trabalho, será feita a análise dos dados coletados, com base na metodologia e pressupostos teóricos já expostos.

3.1. ANÁLISE DOS DADOS

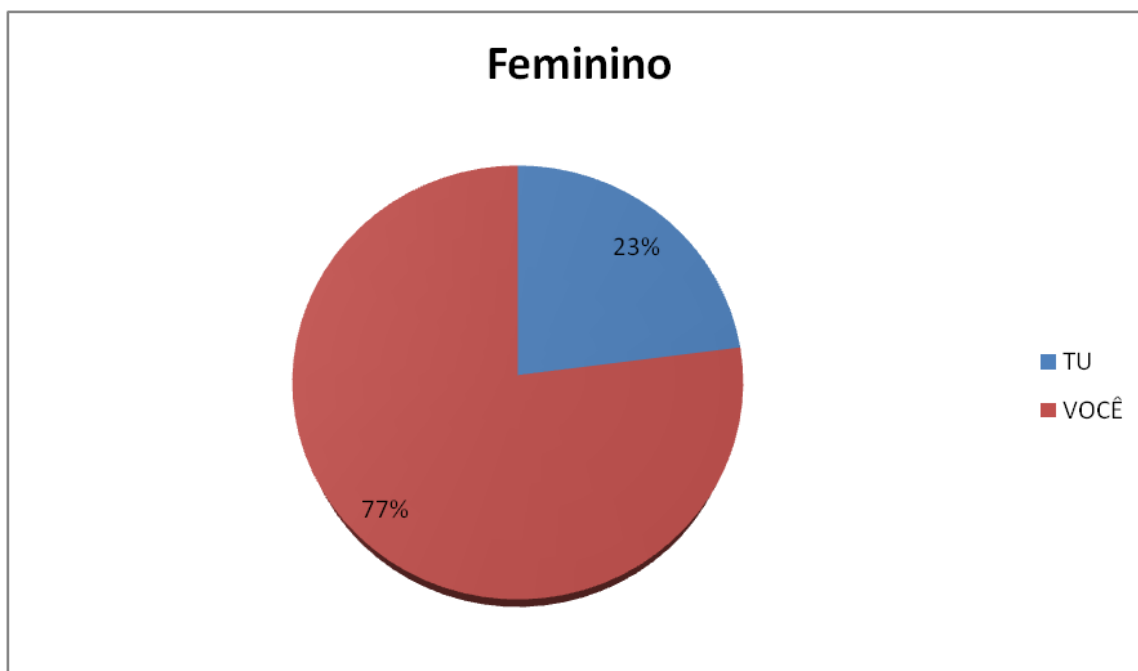
Esta análise compreende um estudo de um fenômeno binário, ou seja, duas variantes foram observadas, as quais são os pronomes “tu” e “você”, sendo que o “você” engloba também a forma “CE”, mas não a forma “ocê”, que não ocorreu na amostra. Os verbos que acompanham os pronomes ocorreram categoricamente na forma não marcada.

Com relação ao gênero, a relação entre a variação “tu” e “você” se torna mais clara ao considerarmos o tipo de discurso, seja ele real ou reproduzido. Isso se deve ao fato de que, enquanto os rapazes reproduzem tanto discursos masculinos quanto femininos.

Ao controlar o tipo de discurso, classificamos os dados em discursos reais e discursos retomados, sendo o discurso real o discurso que acontece no primeiro ato e o discurso retomado são as anáforas. Os discursos gerados no momento da interação conversacional são contrastados com os retomados, que por sua vez se dividem em discursos produzidos – que podem ser tanto da autoria do falante quanto de outras pessoas – e discursos imaginados, que se assemelham a expressões virtuais que podem ser proferidas em outra situação conversacional.

No gráfico 01 abaixo podemos analisar as 61 pessoas do sexo feminino que responderam à pesquisa em forma de porcentagem. 77% dos jovens de sexo feminino responderam que utilizam mais o pronome “VOCÊ” do que o pronome “TU”.

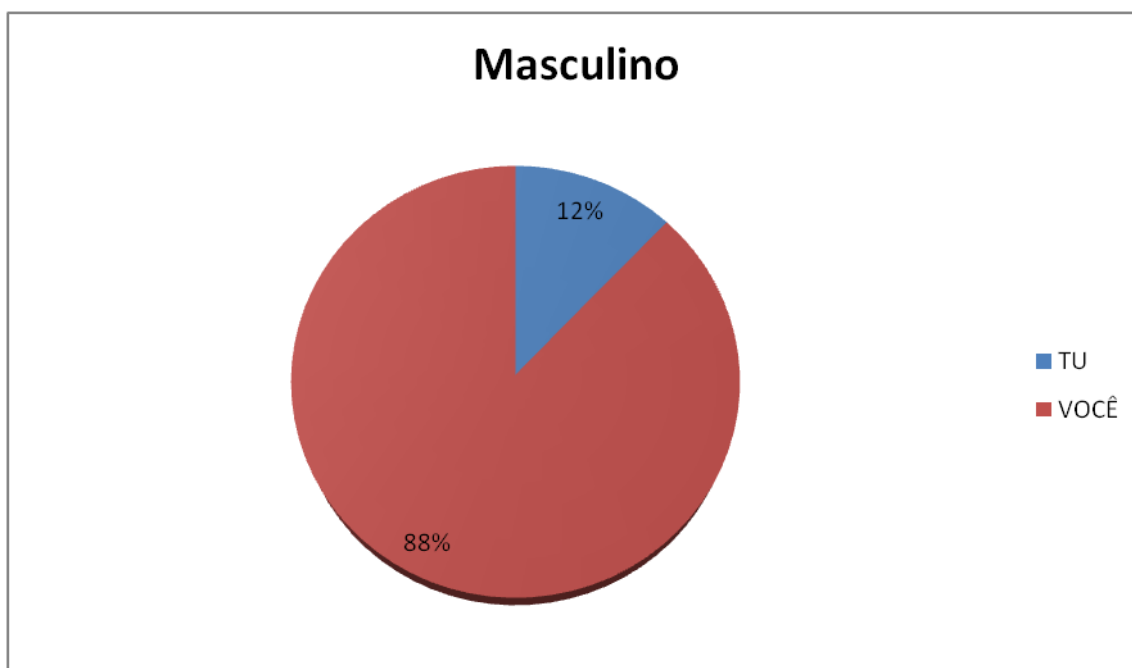
Gráfico 01:



Fonte: Elaborado pela autora.

O gráfico com 34 jovens do sexo masculino também nos mostra que 56% preferem o uso do pronome “VOCÊ”, mas percebe-se que a diferença não é muito distante entre o número de estudantes que utilizam mais o pronome “TU”.

Gráfico 02:



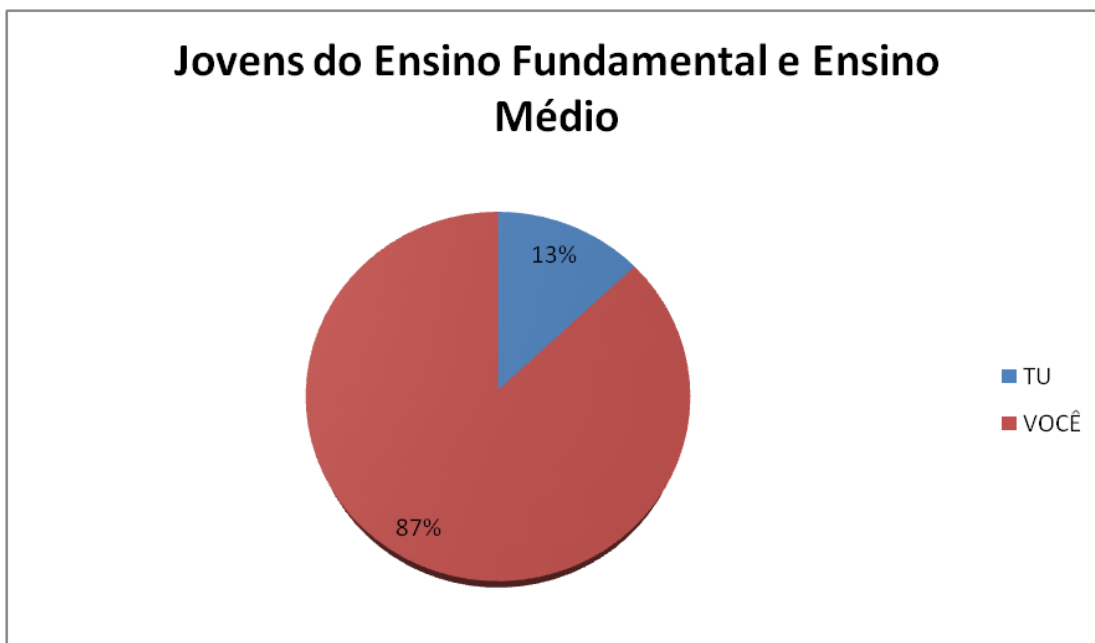
Fonte: Elaborado pela autora.

As falas reais masculinas e femininas favorecem mais o uso do “VOCÊ”, do que a utilização do “TU”.

Esses resultados confirmam a ideia de prestígio disfarçado, conforme discutido por TRUDGILL (1995) e ROMAINE (1994). Nessa perspectiva, os indivíduos do sexo masculino têm uma inclinação maior para valorizar variantes não padrão em comparação com os indivíduos do sexo feminino, uma tendência que também é observada entre os jovens residentes no Distrito Federal.

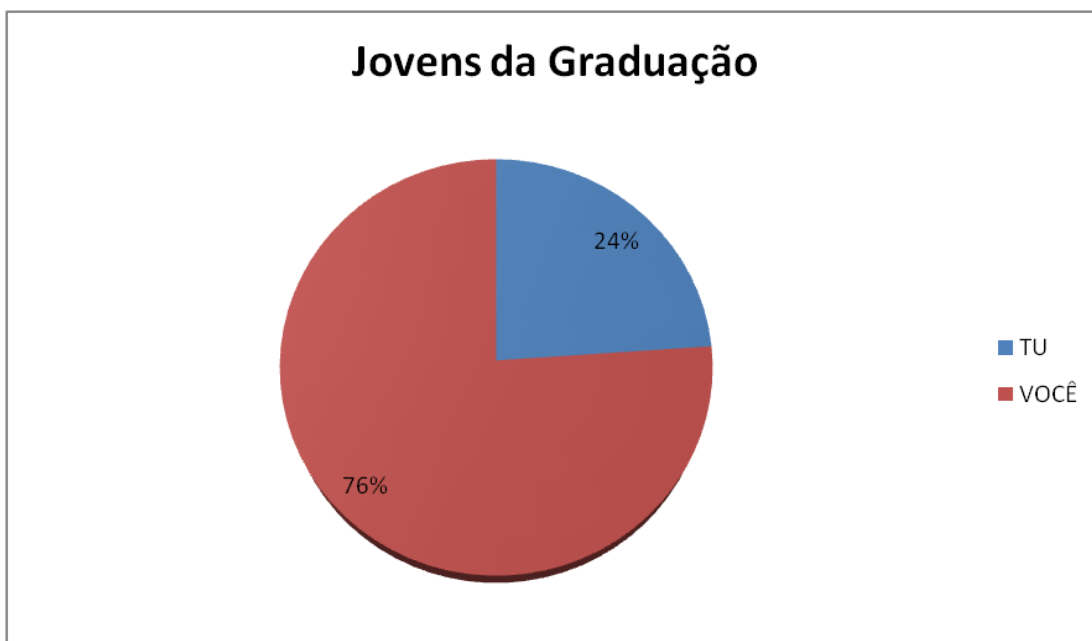
No gráfico 03 temos os dados de 51 jovens estudantes com as idades entre 11 e 18 anos que utilizam mais o pronome “VOCÊ”, assim como os jovens de idade entre 19 e 25 anos mostrados no gráfico 04.

Gráfico 03:



Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 04:



Fonte: Elaborado pela autora.

No ambiente escolarizado a tendência é que o pronome “Você” seja mais utilizado, pois é onde o estudante é mais cobrado e tem um olhar de monitoração, onde os traços regionais ficam mais silenciados naturalmente.

Ao abordar o tipo de vínculo estabelecido entre os participantes, conforme descrito por Brown e Gilman (1960), estamos categorizando as relações em quatro tipos com base nos elementos de poder e solidariedade. Se os interlocutores compartilham uma relação simétrica - como serem da mesma faixa etária, terem o mesmo gênero ou pertencerem ao mesmo grupo social - é possível que manifestem comportamentos solidários em situações de conversação específicas. Da mesma forma, se a relação entre os interlocutores é assimétrica - como diferenças de faixa etária, gênero ou posição hierárquica em uma instituição - pode ocorrer que um detenha poder sobre o outro, resultando no segundo agindo de acordo com essa discrepância.

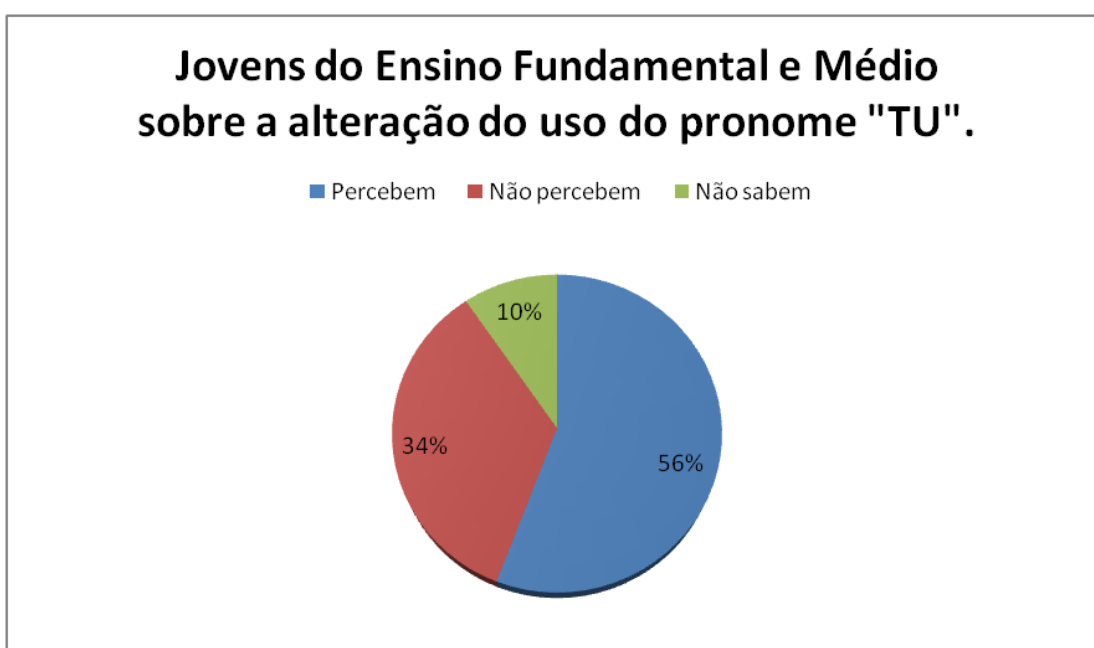
Com base nos dados obtidos na pesquisa percebo que a maioria dos estudantes utilizam mais o pronome “VOCÊ”, e o “TU” é mais utilizado em ambientes recreativos/lazer (como parques, shopping, academia), familiar e escolar/universitário. Temas menos familiares, por sua vez, envolvem assuntos que escapam à experiência de vida do falante e representam um complicador na situação interacional. Ao tema menos familiar, podemos associar o estilo de fala que Labov (2001) classifica como *soapbox*, caracterizado por uma espécie de discurso público informal. Quando os jovens lidam com assuntos de um grau de complexidade maior que os de suas conversas cotidianas, tendem a usar o estilo *soapbox*, no intuito de dissertar sobre o tema.

A natureza do discurso contribui para a compreensão do grau de estigmatização de uma forma linguística, além de revelar o contexto interacional predominante para as variantes. Em situações de discurso relatado ou monitoramento da fala, por exemplo, torna-se evidente o quanto o emprego de uma forma está influenciado pela mensagem desejada, pelo nível de proximidade entre os interlocutores e pelos traços identitários discerníveis através da seleção das variantes. Em outras palavras, a forma como o discurso é articulado oferece insights sobre os elementos subjetivos de identidade e intencionalidade presentes nas interações linguísticas entre pares, destacando as escolhas dos falantes ao comunicarem uma mensagem.

A variação mais informal desperta mais o uso do pronome “TU” de acordo com as respostas dos estudantes, onde seu uso pode variar na contextualização do assunto, a pessoa com quem está se conversando ou nível de intimidade com quem se refere.

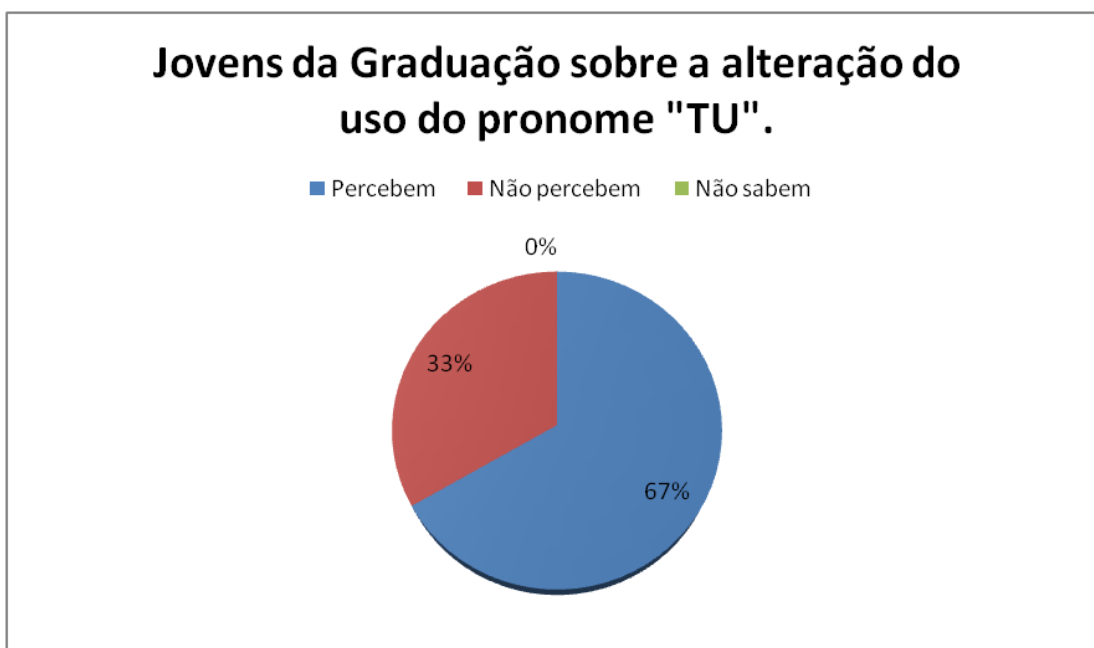
Os gráficos 05 e 06 trazem a representação em forma de porcentagens dos jovens sobre perceberem a alteração do uso do pronome “TU” na fala. Em ambos os a maioria dos estudantes que participaram da pesquisa responderam perceber a alteração quanto ao seu uso.

Gráfico 05:



Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 06:



Fonte: Elaborado pela autora.

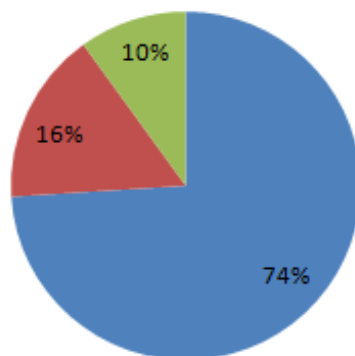
Optamos por abordar como temas mais familiares aqueles relacionados ao cotidiano, como as conversas simples sobre acontecimentos do dia a dia dos jovens. Ao explorar esses assuntos mais familiares, conjecturamos que os jovens possivelmente adotariam um estilo de comunicação menos planejado, aproximando-se mais do vernáculo, especialmente quando sentissem uma maior identificação com seus interlocutores. Nesse cenário, nossa expectativa era de que os jovens utilizassem as formas linguísticas comuns dentro de seu grupo, com ênfase no uso do pronome "tu".

Os gráficos 07 e 08 trazem a representação em forma de porcentagens dos jovens sobre a aceitação do uso do pronome "TU" na fala. Em ambos a maioria dos estudantes que participaram da pesquisa responderam perceber a aceitação quanto ao seu uso.

Gráfico 07:

Jovens do Ensino Fundamental e Médio sobre a aceitação do uso do pronome "TU".

■ Aceito ■ Não aceito ■ Não sabem

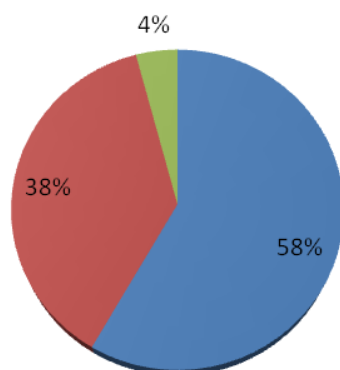


Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 08:

Jovens da Graduação sobre a aceitação do uso do pronome "TU".

■ Aceito ■ Não aceito ■ Não sabem



Fonte: Elaborado pela autora.

É relevante abordar as variáveis linguísticas relacionadas a quais ambientes propiciam a disseminação das formas analisadas, sua função e o tipo de sentença em que ocorrem. Nesse sentido, as variáveis linguísticas examinadas e estudadas neste trabalho - que englobam posição sintática, o tipo de construção em que o fenômeno se manifesta e o tipo de discurso - são estritamente sintáticas. Não incluem considerações nos domínios da fonética e fonologia, uma vez que a intenção ao observar esses aspectos é criar uma representação linguística abrangente do discurso atual em Brasília, focalizando as mudanças sintáticas que justifiquem as escolhas linguísticas feitas pelos falantes da variedade brasiliense do português.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: VILA PLANALTO



Nas considerações finais gostaria de concluir esta rota exploratória com as respostas das perguntas de pesquisas para sintetizar, nesse final da trajetória, tudo que foi dito, explicado e analisado de modo mais analítico no transcorrer da monografia.

Em que contexto o brasiliense usa o tu e que tipo de variação desperta o seu uso?

Além dos aspectos sociais que influenciaram a variação pronominal na linguagem dos jovens do Distrito Federal, os quais já foram examinados, é crucial mencionar a incorporação do pronome "Tu" em um contexto de gíria. Isso porque a utilização frequente do "Tu" entre os jovens parece estar profundamente entrelaçada à sua linguagem informal.

Definindo a gíria como “um vocabulário empregado por falantes de um mesmo grupo, com a intenção de comunicar-se sem serem entendidos por outros falantes que não pertencem ao grupo” (PRETI, 2004, p. 89), podemos afirmar que a disseminação do emprego do pronome "tu" entre os jovens de Brasília representa uma estratégia adotada por eles. Essa escolha visa não apenas distinguir sua forma de falar das demais, mas também expressar uma postura crítica em relação ao mundo e reafirmar sua identidade.

Os falantes da faixa etária jovem percebem quando usam o tu e o você?

O emprego do pronome "Tu", contudo, ocorre de maneira inconsciente entre os jovens. Quando questionados sobre esse uso, muitos afirmaram, inicialmente, que o "Tu" não fazia parte de sua linguagem habitual. No entanto, posteriormente, alguns admitiram, por vezes surpresos, que utilizam o "Tu" ao se dirigirem a amigos. Alguns

afirmaram que evitariam empregar o "Tu" ao falar com a mãe, pois ela considera isso desrespeitoso, caracterizando como gíria.

O tu varia de acordo com o uso do interlocutor e o assunto tratado?

Sim. Estudantes do gênero masculino disseram usar o "Tu" eventualmente, quando estão entre amigos. Falantes do gênero feminino admitiram usar o pronome "Tu" em situações menos formais. Consideramos que, se usam o "Tu", é porque ele de fato faz parte do seu repertório linguístico, caso contrário, não usariam.

A história do falante é relevante na realização do tu?

Apesar de não haver pesquisas sobre o assunto em todas praticamente todos os estados da Região Norte, todos da Região Sul, em quase todas as Regiões Nordeste e em pontos isolados das regiões das regiões Sudeste e Centro-Oeste. Não se pode ignorar que esse pronome faz parte da maioria das variedades do português do Brasil – da maneira que ainda fazem alguns linguistas, como Bearzoti (2005, p. 13).

Há estranhamento ou acomodação entre falantes?

Dado que o uso do pronome "Tu" é característico de estilos de comunicação mais informais, por vezes solidários ou íntimos, sua presença no sistema linguístico de uma comunidade frequentemente não é identificada como uma particularidade da fala local. Conseqüentemente, em estudos mais abrangentes da língua regional, sua ocorrência muitas vezes passa despercebida. Além disso, a concordância verbal variável com o pronome "Tu", geralmente ocorrendo de maneira não marcada, contribui para camuflar a presença do "Tu" aos olhos dos residentes locais e visitantes. Isso cria a impressão de que o pronome "Você" é a norma em qualquer situação de conversação, enquanto o uso do "Tu" é visto apenas como uma casualidade.

Considerando todo o percurso há pontos enxergados por mim que podem ser retornados, adiante, em uma nova pesquisa, eventualmente, realizada por mim ou por novos pesquisadores. Neste contexto, é relevante destacar que essa variante mais recente possivelmente reflete um uso inovador da segunda pessoa, se comparado com o

Português Brasileiro em geral. Ou, ainda, pode representar o ressurgimento de uma forma linguística tradicional trazida por antigos falantes de outras regiões brasileiras que se estabeleceram em Brasília, influenciando o desenvolvimento linguístico de novas gerações no coração do Planalto Central.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Adriana Lília V.S. A variação você, cê e ocê no português brasileiro falado. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

AZEREDO, J. C. Gramática Houaiss da Língua Portuguesa. São Paulo: Publifolha Houaiss, 2008.

BEARZOTI, P. Como tu virou você. *Discutindo literatura*, v. 1, n. 2, p. 12-15, s. l., mar. 2005.

BELL, A. Back in Style: Reworking Audience Design. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. (Eds.). *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 139-169.

BELL, A. Language Style as Audience Design. *Language and Society*. V. 13, p. 145-204, 1984.

https://bdm.unb.br/bitstream/10483/18780/1/2017_LucasAryelMendesAbreu_tcc.pdf

<https://brasilecola.uol.com.br/historiab/construcao-de-brasil.htm#Como+foi+a+constru%C3%A7%C3%A3o+de+Bras%C3%ADlia%3F>

BROWN, R.; GILMAN, A. The Pronouns of Power and Solidarity. In: SEBEEK, T. (Ed.). *Style in Language*. Cambridge: MIT Press, 1960. p. 253-277.

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/df/brasil/historico>

CORRÊA, C. da C. *Focalização dialetal em Brasília: um estudo das vogais pré-tônicas e do /s/ pós-vocálico*. 1998. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Brasília.

DIAS, Edilene Patrícia. O uso do tu no português brasileiro falado. (2007). Dissertação de Mestrado. Brasília, UnB.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica*. São Paulo: Ática, 1991.

http://icts.unb.br/jspui/bitstream/10482/7005/1/2010_CarolinaQueirozAndrade.pdf

<https://www.lettras.mus.br/alceu-valenca/44017/>

<https://www.lettras.mus.br/luiz-gonzaga/1565392/>

<https://www.lettras.mus.br/plano-piloto/1335990/>

LABOV, W. The Anatomy of Style-Shifting. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. (Eds.) *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 85-108.

LOPES, Celia Regina Dos S. Retratos da variação entre "você" e "tu" no português do Brasil: sincronia e diacronia. In: Claudia Roncarati; Jussara Abraçado. (Org.). *Português*

Brasileiro II - contato lingüístico, heterogeneidade e história. 1 ed. Niterói: EDUFF, 2008, v. 2, p. 55-71.

LORENGIAN-PENKAL, Loremi. Concordância verbal com o pronome tu no sul do Brasil. Dissertação (Mestrado em Letras/Linguística) – UFSC, Florianópolis-SC, 1996.

LORENGIAN-PENKAL, Loremi. (Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região sul. 2004. Tese (Doutorado em Letras/Linguística) – UFPR, Curitiba-PR, 2004.

LUCCA, Nívia Naves Garcia. A variação tu/você na fala brasiliense. 2005. Dissertação (Mestrado), Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

O falar candango: análise sociolinguísticas dos processos de difusão e focalização dialetais/organizadoras, Stella Maris Bortoni-Ricardo, Ana Maria de Moraes Sarmento Vellasco, Vera Aparecida de Lucas Freitas. - Brasília: Editora UnB, 2010.

PRETI, D. Estudos de língua oral e escrita. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

<https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/bitstream/123456789/3066/1/MARIANY%20FERREIRA%20SILVA%20ALGUNS%20TRACOS%20SOCIOLINGUISTICOS%20DO%20FALAR%20GOIANO%20TCC%20201512.pdf>

ROMAINE, S. *Language in Societ.: an Introducion to Sociolinguistics*. New York: Oxford University Press, 1994.

<https://www.scielo.br/j/alfa/a/4ykP3cHj8YyHCMBqZYT6nNp/?lang=pt>

SCHERRE, Maria Marta Pereira; Naro, Anthony Julius. Duas dimensões do paralelismo formal na concordância verbal do português popular do Brasil. *Delta*, vol. 9, n.1, 1993.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; Naro, Anthony Julius. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: Mollica, M.C.e Braga, M. L. (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 147- 178. 2003.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Paralelismo linguístico. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 7, n. 2, jul-dez, p. 29-59. Belo Horizonte, UFMG, 1998.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Doa-se lindos filhotes de poodle. *Variação Linguística, Mídia e preconceito*. Brasília: Parábola, 2006.

SCHERRE et alii. USOS DOS PRONOMES VOCÊ E TU NO PORTUGUÊS BRASILEIRO. Simpósio O português popular do Brasil, Portugal e África: aproximações e distanciamentos. Évora, Portugal, Outubro de 2009.

SILVA, Rita do Carmo Polli da. *A sociolinguística e a língua materna*. Curitiba: Ibplex, 2009.

TRUDGILL, P. *Sociolinguistics: na Introducion to Language and Society*: London: Penguin Books, 1995.

TRUDGILL, P. *The social Differentiantion of English in Noruich*. New York: Cambridge University Press, 1974.

WARDAUGH, R. *An Introduction to Sociolinguistics*. 4. ed. Oxford: Blackwell Publishing, 2003.